

TEATRO

POR TOMAZ RIBAS

NO IMPÉRIO

«O RENDER DOS HERÓIS»

PELO TEATRO MODERNO DE LISBOA

O «Teatro Moderno de Lisboa» — uma das mais positivas realidades do nosso meio teatral contemporâneo — acaba de apresentar o seu segundo espectáculo desta temporada: a narrativa dramática em um prólogo, duas partes e uma apoteose. **O Render dos Heróis**, de José Cardoso Pires, ficcionista dos mais representativos e prestigiados das letras portuguesas de hoje.

Antes de falarmos pròpriamente do espectáculo em si, prestemos aqui homenagem ao T. M. L., não apenas por ter apresentado um original português mas sim, e sobretudo, por ter posto em cena — e com que êxito! — uma peça já publicada há anos, que muitos pensavam (e afirmavam) tratar-se de uma obra sem possibilidades ou qualidades para ser representada mas que, quanto a nós, o facto de ainda não ter sido levada à cena só demonstra, por um lado, o de-

sinteresse e o medo de determinados empresários e, por outro lado, determinadas incongruências que caracterizam a vida teatral portuguesa de hoje.

Ora, a verdade é que **O Render dos Heróis**, apesar das observações que lhe possam fazer aqueles para quem uma obra de Teatro só o é quando corresponde exclusivamente a determinados e limitados padrões, não só possui aquela qualidade inerente a tudo quanto sai da pena de José Cardoso Pires (razão que soavelmente explicaria a sua representação) como também, quer queiram quer não, é uma obra que marca um momento de particular importância na dramaturgia portuguesa. Com efeito — e cremos que não se trata apenas de um ponto de vista pessoal mas sim de um juízo seguido por muito — **O Render dos Heróis** é a primeira peça de concepção brechtiana e representativa do moderno teatro épico mundial da nossa dramaturgia — até porque a sua publicação é anterior a *Felizmente Há Luar*, de Luís de Sttau Monteiro; *Os Desesperados*, de Costa Ferreira, ou *O Motim*, de Miguel Franco.

Ao contrário do que muitos poderão pensar, **O Render dos Heróis** não é apenas uma peça de concepção modernista... até porque é mais de que isso. Bastaria pensarmos quanto ela — na sua concepção e no seu conteúdo — se afasta dos cânones do Teatro de um Pirandello, de um Cocteau, de um Maxwell Anderson, de um Thornton Wilder ou, mais modernamente, de um Adamov ou de um Ionesco — já para não falarmos do Teatro de alguns buturistas das décadas passadas. E para situarmos o caso entre nós, bastará pensarmos no abismo que separa este **O Render dos Heróis** das peças típicas da dramaturgia modernista portuguesa: as de Almada Negreiros, as de Fernando Amado, as de Pedro Bom e Carlos Montanha, as da primeira fase de Costa Ferreira, Jorge de Sena e Luis Francisco Rebello.

Por todas estas razões, se outras não houvesse, pôr **O Render dos Heróis** em cena era uma iniciativa que se impunha a todos aqueles que procuram dar uma tonalidade actual às actividades teatrais portuguesas ou não ajudar a que as mais representativas obras do nosso Teatro de hoje se limitem à sua publicação o que, sendo útil e natural, impede a obra dramática de realizar inteiramente o seu objectivo que é a sua representação num palco.

E para aqueles que pensam que o Teatro é apenas a representação de uma acção dramática tradicional poderemos dizer que obras que não foram concebidas para o Teatro — **O Banquete**, de Platão, por exemplo — têm proporcionado excepcionais espectáculos teatrais.

Ao avaliarmos **O Render dos Heróis** como obra dramática teremos, pois, que a situar não dentro dos padrões tradicionais do Teatro ou do teatro modernista e do chamado anti-teatro mas sim dentro dos padrões — que nunca são rígidos — daquele género de teatro e daquela corrente dramática em que, de facto, a peça de J. Cardoso Pires se insere, ou seja, como dissemos e nos quer parecer, o moderno teatro épico. Como tal, **O Render dos Heróis** surge-nos como obra modelar no que se refere à verdade que procura objectivar, à sequência e ritmo das cenas, ao retrato psicológico e sociológico das personagens, à pureza do estilo dramático — os diálogos são um prodígio de linguagem simultaneamente teatral e literária — mas surge-nos, também, como obra algo débil e pobre de verdadeira intriga dramática. Na verdade, a acção dramática de **O Render dos Heróis**, rica na sua sequência é pobre na sua essência, o que nos parece de certo modo grave na medida em que o pobre autor em vez de chamar «peça» à sua obra a denomina de «narrativa dramática». Em contrapartida, tal narrativa — e acção decorre durante as lutas liberais — ganha poderosos aspectos de universalidade (no tempo e no espaço) e

(Continua na página 10)

«O RENDER DOS HERÓIS»

(Continuação da página 7)

isso não será, certamente, a sua menor virtude.

Tal como está concebida, a peça de J. Cardoso Pires exigia, na sua encenação e direcção, a presença de um mestre. E como mestre se revelou Fernando Gusmão nessa tarefa difícil. O seu trabalho, perfeitíssimo e muito belo, inteligentemente meditado e realizado, resultou altamente positivo; Fernando Gusmão soube extrair de *O Render dos Heróis* a sua espectacularidade sublinhando vigorosamente os vários momentos dramáticos e o recorte das personagens; estas, nunca se traindo, movem-se em cena com um ritmo e um acerto perfeitíssimos e aqueles passam do drama à farsa com a agilidade e subtilidade que o texto dita. Assim, para além do texto, deve-se a Fernando Gusmão, pela perfeição modular da sua encenação e pela segurança da sua direcção, o principal motivo do justificado êxito de *O Render dos Heróis*.

Fernando Gusmão teve preciosos auxiliares: em primeiro lugar, Octávio Clérigo que desenhou os cenários e figurinos dentro de uma linha de sugestão verista mas grande liberdade espectacular tal como o texto e a encenação o exigiam e solucionando sábiamente as reais dificuldades que havia a vencer; depois, os intérpretes que, todos eles,

compreenderam aquilo que se lhes indicou e se lhes exigia e souberam submeter-se a uma direcção que é tanto mais perfeita quanto mais disciplinada se mostrou. Há, na representação, um nível que é, sem dúvida, um dos aspectos mais positivos do espectáculo.

O texto de *O Render dos Heróis* não é daqueles que mais se prestam aos habituais brilharetes de interpretação. Nenhuma das personagens — à excepção da de o Cego, admiravelmente realizada por Rui de Carvalho — era de molde a proporcionar uma interpretação avassaladora. Apesar disso, seria injusto não destacar: o trabalho de Rui de Carvalho que representou — quer quando fala quer quando se move — como uma fluência que só os verdadeiros actores podem dominar e exibir; Rogério Paulo, que pôde dar-nos um dos melhores entre as suas últimas actuações e se afastou naturalmente dos perigos de rábula em que as suas duas cenas facilmente o podiam ter feito cair; Carmen Dolores, numa figura a que deu toda a contensão do seu belo temperamento dramático; Fernanda Alves e Maria Cristina que entenderam com talento o simbólico papel de coró que as suas personagens desempenham na peça; José Amaro, Tomaz de Macedo e Jaime Santos, perfeito no desempenho das personagens de que os encarregaram tal como Ângela Ribeiro, Luís Cerqueira e Armando Caldas. E finalmente — porque todo o numeroso elenco ajudou a erguer este belo espectáculo — nomeiem-se os demais intérpretes: Rui Mendes, Maria Shultz, Carlos Cabral, António Sarmiento, Moraes e Castro, Fernando Soares, Clara Joana, Luís Alberto, Duarte Manuel, Alexandre Passos, Constança Navarro e Fernando Gusmão — este não se importando de se encarregar de uma episódica intervenção.

Perfeitas as luzes mas deficiente o som. A música de Carlos Paredes pareceu-nos por vezes não corresponder inteiramente ao papel decisivo e importante que deveria ter no texto e na encenação.

Algo de muito sério — por muitas razões — aconteceu no palco do Império e com esta apresentação de *O Render dos Heróis* o Teatro Moderno de Lisboa — que em boa hora a Fundação Calouste Gulbenkan decidiu subvencionar — uma vez mais se impõe no nosso meio teatral.